

Roteiro de estudos

Interpretação de texto (volume 1)

Capítulo 2

Aprofundamento teórico

Texto dissertativo

Tipos de texto dissertativo e ferramentas do texto dissertativo

Texto injuntivo

Aprofundamento prático

Propostos: 2, 3, 6 e 7.

Complementares: 5 e 6.

Fundamentação teórica

Texto prescritivo

Def.: _____

Principais gêneros prescritivos:

1. _____

2. _____

3. _____

Marcadores linguísticos

1. _____

2. _____

Exemplos:

Prêmio Educador Nota 10!

O Prêmio Educador Nota 10 é o maior e mais importante prêmio da Educação Básica no Brasil. Ele reconhece e valoriza professores e gestores escolares da Educação Infantil ao Ensino Médio de escolas públicas e privadas de todo o país.

O Instituto SOMOS foi criado em 2017 com o compromisso de democratizar o acesso à educação, à leitura e às competências do futuro para jovens em vulnerabilidade social em todo o Brasil. Dessa forma, atua para o desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária, com geração de oportunidades para todos que confiam no poder da educação e desejam se tornar agentes de transformação de suas próprias vidas.

Para participar, acesse o site da organização.

Exercício exemplo: _____

Texto dissertativo

Def.: _____

Tipos de dissertação

Expositiva ()

No Brasil, o programa “ROTA 2022” foi criado pelo Governo Federal para estipular quais recursos de segurança serão obrigatórios nos veículos novos a partir de janeiro de 2022. Dentre eles, há a obrigatoriedade de airbags frontais e de controles de tração e estabilidade. []

Desde sua elaboração, o programa vem sendo alvo de críticas da indústria automotiva, que alega que tais medidas irão encarecer o preço final dos veículos e, por consequência, gerar um impacto nocivo à economia do país. Por outro lado, o Governo alega que é preciso modernizar a produção de veículos e que a concessão de crédito a juros competitivos irá coibir uma eventual diminuição das vendas. []

Dica: _____

Argumentativa ()

Enquanto, na Europa, os veículos apresentam um mínimo de seis airbags e controles de tração e estabilidade desde o começo dos anos 2000, o Brasil segue na retaguarda com o obsoleto programa “ROTA 2022”. Os acidentes de trânsito, no Brasil, vitimam por ano milhares de pessoas e a benevolência do Estado com a precariedade dos veículos fabricados no país explica esse terrível quadro.

Tipos de desenvolvimento

Indutivo: _____

Exemplo:

Os profissionais de educação () do Brasil são mal remunerados e, por conta disso, há uma tendência natural de baixos índices de aproveitamento dos alunos. Porém, esse quadro grave de desvalorização salarial também afeta diversas áreas públicas () no país, como a saúde e a segurança.

Continuação
Dedutivo: _____ _____
Exemplo: Há diversas áreas () de serviço público no Brasil que carecem de real investimento do Estado. Naturalmente, tais áreas são fundamentais para o correto funcionamento da sociedade. É o caso da educação (), por exemplo, visto que escolas públicas não dispõem sequer de professores, quanto mais de instalações adequadas para o aprendizado
Lógico: _____ _____ _____
Exemplo (lousa): 1.
Exercício exemplo: _____
Exercício desafio: _____

Exercícios de fixação

(Enem 2020)

Caminhando contra o vento,
Sem lenço e sem documento
No sol de quase dezembro
Eu vou
O sol se reparte em crimes
Espaçonaves, guerrilhas
Em cardinales bonitas
Eu vou
Em caras de presidentes
Em grandes beijos de amor
Em dentes, pernas, bandeiras
Bombas e Brigitte Bardot
O sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça
Quem lê tanta notícia
Eu vou

VELOSO, C. Alegria, alegria. In: *Caetano Veloso*.

1. É comum coexistirem sequências tipológicas em um mesmo gênero textual. Nesse fragmento, os tipos textuais que se destacam na organização temática são

- descritivo e argumentativo, pois o enunciador detalha cada lugar por onde passa, argumentando contra a violência urbana.
- dissertativo e argumentativo, pois o enunciador apresenta seu ponto de vista sobre as notícias relativas à cidade.
- expositivo e injuntivo, pois o enunciador fala de seus estados físicos e psicológicos e interage com a mulher amada.
- narrativo e descritivo, pois o enunciador conta sobre suas andanças pelas ruas da cidade ao mesmo tempo que a descreve.
- narrativo e injuntivo, pois o enunciador ensina o interlocutor como andar pelas ruas da cidade contando sobre sua própria experiência.

(Enem 2017)

Aí pelas três da tarde

Nesta sala atulhada de mesas, máquinas e papéis, onde invejáveis escreventes dividiram entre si o bom senso do mundo, aplicando-se em ideias claras apesar do ruído e do mormaço, seguros ao se pronunciarem sobre problemas que afligem o homem moderno (espécie da qual você, milenarmente cansado, talvez se sinta um tanto excluído), largue tudo de repente sob os olhares a sua volta, componha uma cara de louco quieto e perigoso, faça os gestos mais calmos quanto os tais escribas mais severos, dê um largo “ciao” ao trabalho do dia, assim como quem se despede da vida, e surpreenda pouco mais tarde, com sua presença em hora tão insólita, os que estiveram em casa ocupados na limpeza dos armários, que você não sabia antes como era conduzida. Convém não responder aos olhares interrogativos, deixando crescer, por instantes, a intensa expectativa que se instala. Mas não exagere na medida e suba sem demora ao quarto, libertando aí os pés das meias e dos sapatos, tirando a roupa do corpo como se retirasse a importância das coisas, pondo-se enfim em vestes mínimas, quem sabe até em pelo, mas sem ferir o decoro (o seu decoro, está claro), e aceitando ao mesmo tempo, como boa verdade provisória, toda mudança de comportamento.

NASSAR, R. *Menina a caminho*. São Paulo: Cia. das Letras. 1997.

2. Em textos de diferentes gêneros, algumas estratégias argumentativas referem-se a recursos linguístico-discursivos mobilizados para envolver o leitor. No texto, caracteriza-se como estratégia de envolvimento a

- prescrição de comportamentos, como em: “[...] largue tudo de repente sob os olhares a sua volta [...]”.
- apresentação de contraposição, como em: “Mas não exagere na medida e suba sem demora ao quarto [...]”.
- explicitação do interlocutor, como em: “[...] (espécie da qual você, milenarmente cansado, talvez se sinta um tanto excluído) [...]”.
- descrição do espaço, como em: “Nesta sala atulhada de mesas, máquinas e papéis, onde invejáveis escreventes dividiram entre si o bom-senso do mundo [...]”.
- construção de comparações, como em: “[...] libertando aí os pés das meias e dos sapatos, tirando a roupa do corpo como se retirasse a importância das coisas [...]”.

(Enem 2014)

Sua fala era uma vibração de amor, que alvoroçava os corações, o olhar como luz de lâmpada encantada, que fascina e desvaira; o sorriso era um lampejo de volúpia, que fazia sonhar com as delícias do Éden. Era enfim o tipo o mais esmerado da beleza sensual, mas habitado por uma alma virgem, cândida e sensível. Era uma estátua de Vênus animada por um espírito angélico.

Ainda que Eugênio não conhecesse e amasse Margarida desde a infância, ainda que a visse então pela primeira vez, era impossível que toda a virtude e austeridade daquele cenobita em botão não se prostrasse vencido diante daquela deslumbrante visão.

Margarida estava vestida de cor-de-rosa com muita graça e simplicidade; tinha por único enfeite na cabeça um simples botão de rosa. Eugênio esteve por muito tempo mudo e entregue a um indizível acanhamento diante da companheira de sua infância, como se se achasse em presença de uma alta e poderosa princesa.

(GUIMARÃES, Bernardo. *O seminarista*. São Paulo: FTD, 1994.)

3. Considerando-se a organização do texto, é correto afirmar que ele é fundamentalmente

- narrativo, pois relata o relacionamento amoroso entre os personagens Margarida e Eugênio.
- dissertativo, pois apresenta a defesa do ponto de vista de Eugênio sobre a personagem Margarida.
- injuntivo, pois tem a intenção de instruir o leitor acerca das características da personagem.
- informativo, pois fornece dados sobre a personagem Margarida de forma clara e objetiva.
- descritivo, pois produz um retrato verbal subjetivo ao enumerar as características de Margarida.

(Enem 2020)

A minha camisa estufa no peito, é um desastre. Quando caminho, a cabeça baixa, como a procurar dinheiro perdido no chão, há sempre muito pano subindo-me na barriga, machucando-se, e é necessário puxá-lo, ajeitá-lo, sujeitá-lo com o cinto, que se afrouxa. Estes movimentos contínuos dão-me a aparência de um boneco desengonçado, uma criatura mordida pelas pulgas. A camisa sobe constantemente, não há meio de conservá-la estirada. Também não é possível manter a espinha direita. O diabo tomba para a frente, e lá vou marchando como se fosse encostar as mãos no chão. Levanto-me. Sou um bípede, é preciso ter a dignidade dos bípedes. Um cachorro como Julião Tavares andar empertigado, e eu curvar-me para a terra, como um bicho! Desentorto o espinhaço.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 71ª Ed, Rio de Janeiro.

4. Entre os elementos constitutivos dos gêneros textuais está a própria estrutura composicional, que pode vir mesclada de outras, considerando-se o propósito comunicativo do autor. Na organização desse trecho do romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, predomina o uso da sequência

- narrativa, construída pelo discurso indireto do narrador testemunha.
- argumentativa, caracterizada pelos comentários críticos do narrador.
- expositiva, em que são apresentadas as atitudes hilárias do narrador.
- descritiva, em que se constrói uma imagem expressionista do narrador.
- injuntiva, sugerida pelo destaque dado ao comportamento caótico do narrador.

(Enem 2018)

Cores do Brasil

Ganhou nova versão, revista e ampliada, o livro lançado em 1988 pelo galeirista Jacques Ardies, cuja proposta é ser publicação informativa sobre nomes do "movimento arte *naïf* do Brasil", como define o autor. Trata-se de um caminho estético fundamental na arte brasileira, assegura Ardies. O termo em francês foi adotado por designar internacionalmente a produção que no Brasil é chamada de arte popular ou primitivismo, esclarece Ardies. O organizador do livro explica que a obra não tem a pretensão de ser um dicionário. "Falta muita gente. São muitos artistas", observa. A nova edição veio da vontade de atualizar informações publicadas há 26 anos. Ela incluiu artistas em atividade atualmente e veteranos que ficaram de fora do primeiro livro. *A arte naïf no Brasil 2* traz 79 autores de várias regiões do Brasil.

WALTER SEBASTIÃO. *Estado de Minas*, 17 jan. 2015 (adaptado).

5. O fragmento do texto jornalístico aborda o lançamento de um livro sobre arte *naïf* no Brasil. Na organização desse trecho predomina o uso da sequência

- injuntiva, sugerida pelo destaque dado à fala do organizador do livro.
- argumentativa, caracterizada pelo uso de adjetivos sobre o livro.
- narrativa, construída pelo uso de discurso direto e indireto.
- descritiva, formada com base em dados editoriais da obra.
- expositiva, composta por informações sobre a arte *naïf*.

(Enem 2019)

Blues da piedade

Vamos pedir piedade

Senhor, piedade

Pra essa gente careta e covarde

Vamos pedir piedade Senhor, piedade

Lhes dê grandeza e um pouco de coragem

CAZUZA. *Cazuza*: O poeta não morreu. Rio de Janeiro.

6. Todo gênero apresenta elementos constitutivos que condicionam seu uso em sociedade. À letra de canção identifica-se com o gênero ladainha, essencialmente, pela utilização da sequência textual

- expositiva, por discorrer sobre um dado tema.
- narrativa, por apresentar uma cadeia de ações.
- injuntiva, por chamar o interlocutor à participação.
- descritiva, por enumerar características de um personagem.
- argumentativa, por incitar o leitor a uma tomada de atitude.

(Unesp 2017)

De dia, ande na rua com cuidado, olhos bem abertos. Evite falar com estranhos. À noite, não saia para caminhar, principalmente se estiver sozinho e seu bairro for deserto. Quando estacionar, tranque bem as portas do carro [...]. De madrugada, não pare em sinal vermelho. Se for assaltado, não reaja – entregue tudo.

É provável que você já esteja exausto de ler e ouvir várias dessas recomendações. Faz tempo que a ideia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca, comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo.

A violência urbana subverte e desvirtua a função das cidades, drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente as dos jovens e dos mais pobres –, dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidores do medo. O que fazer diante desse quadro de insegurança e pânico, denunciado diariamente pelos jornais e alardeado pela mídia eletrônica? Qual tarefa impõe-se aos cidadãos, na democracia e no Estado de direito?

(*Violência urbana*, 2003.)

7. O modo de organização do discurso predominante no excerto é

- a dissertação argumentativa.
- a narração.
- a descrição objetiva.
- a descrição subjetiva.
- a dissertação expositiva.

(Unesp 2016)



(www.dumilustrador.blogspot.com)

8. Qual a intenção da personagem da charge ao se valer do argumento de que a floresta invadiu suas terras? Analise tal argumento sob os pontos de vista lógico e ético.

Resolução: _____

(Fuvest 2012)

Todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades regionais, sociais e estilísticas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.

Celso Cunha. *Nova gramática do português contemporâneo*.

9. Considere as seguintes afirmações sobre os quatro períodos que compõem o texto:

I. Tendo em vista as relações de sentido constituídas no texto, o primeiro período estabelece uma causa cuja consequência aparece no segundo período.

II. O uso de orações subordinadas, tal como ocorre no terceiro período, é muito comum em textos dissertativos.

III. Por formarem um parágrafo tipicamente dissertativo, os quatro períodos se organizam em uma sequência constituída de introdução, desenvolvimento e conclusão.

IV. O procedimento argumentativo do texto é dedutivo, isto é, vai do geral para o particular.

Está correto apenas o que se afirma em

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) III e IV.
- d) I, III e IV.
- e) II, III e IV.

10. De acordo com o texto, em relação às demais variedades do idioma, a língua padrão se comporta de modo

- a) inovador.
- b) restritivo.
- c) transigente.
- d) neutro.
- e) aleatório.

(AFA 2018)

Mais que Orwell, Huxley previu nosso tempo

Hélio Gurovitz

Publicado em 1948, o livro 1984, de George Orwell, saltou para o topo da lista dos mais vendidos (...).¹ A distopia de Orwell, mesmo situada no futuro, tinha um endereço certo em seu tempo: o stalinismo. (...) ²O mundo da "pós-verdade", dos "fatos alternativos" e da anestesia intelectual nas redes sociais mais parece outra distopia, publicada em 1932: *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley.

³Não se trata de uma tese nova. Ela foi levantada pela primeira vez em 1985, num livreto do teórico da comunicação americano Neil Postman: *Amusing ourselves to death* ("Nos divertindo até morrer"), lembrado por seu filho Andrew em artigo recente no *The Guardian*. "Na visão de Huxley, não é necessário nenhum Grande Irmão para despojar a população de autonomia, maturidade ou história", escreveu Postman. "Ela acabaria amando sua opressão, adorando as tecnologias que destroem sua capacidade de pensar. Orwell temia aqueles que proibiam os livros. Huxley temia que não haveria motivo para proibir um livro, pois não haveria ninguém que quisesse lê-lo. Orwell temia aqueles que nos privariam de informação. Huxley, aqueles que nos dariam tanta que seríamos reduzidos à passividade e ao egoísmo. ⁵Orwell temia que a verdade fosse escondida de nós. Huxley, que fosse afogada num mar de irrelevância."

⁶No futuro pintado por Huxley, (...) não há mães, pais ou casamentos. O sexo é livre. A diversão está disponível na forma de jogos esportivos, cinema multissensorial e de uma droga que garante o bem-estar sem efeito colateral: o soma. Restaram na Terra dez áreas civilizadas e uns poucos territórios sel-

vagens, onde ⁷grupos nativos ainda preservam costumes e tradições primitivos, como família ou religião. "O mundo agora é estável", diz um líder civilizado. "As pessoas são felizes, têm o que desejam e nunca desejam o que não podem ter. Sentem-se bem, estão em segurança; nunca adoecem; ⁸não têm medo da morte; vivem na ditosa ignorância da paixão e da velhice; não se acham sobrecarregadas de pais e mães; ⁹não têm esposas, nem filhos, nem amantes por quem possam sofrer emoções violentas; são condicionadas de tal modo que praticamente não podem deixar de se portar como devem. E se, por acaso, alguma coisa andar mal, há o soma."

¹⁰Para chegar à estabilidade absoluta, foi necessário abrir mão da arte e da ciência. "A felicidade universal mantém as engrenagens em funcionamento regular; a verdade e a beleza são incapazes de fazê-lo", diz o líder. "Cada vez que as massas tomavam o poder público, era a felicidade, mais que a verdade e a beleza, o que importava." A verdade é considerada uma ameaça; a ciência e a arte, perigos públicos. Mas não é necessário esforço totalitário para controlá-las. Todos aceitam de bom grado, fazem "qualquer sacrifício em troca de uma vida sossegada" e de sua dose diária de soma. "Não foi muito bom para a verdade, sem dúvida. Mas foi excelente para a felicidade."

No universo de Orwell, a população é controlada pela dor. No de Huxley, pelo prazer. "Orwell temia que nossa ruína seria causada pelo que odiamos. Huxley, pelo que amamos", escreve Postman. Só precisa haver censura, diz ele, se os tiranos acreditam que o público sabe a diferença entre discurso sério e entretenimento. (...) O alvo de Postman, em seu tempo, era a televisão, que ele julgava ter imposto uma cultura fragmentada e superficial, incapaz de manter com a verdade a relação reflexiva e racional da palavra impressa. ¹¹O computador só engatinhava, e Postman mal poderia prever como celulares, tablets e redes sociais se tornariam – bem mais que a TV – o soma contemporâneo. Mas suas palavras foram prescientes: "O que afligia a população em *Admirável mundo novo* não é que estivessem rindo em vez de pensar, mas que não sabiam do que estavam rindo, nem tinham parado de pensar".

Adaptado, *Revista Época* nº 973 – 13 de fevereiro de 2017, p. 67.

11. Sobre o texto é correto afirmar que

- a) apresenta as ideologias presentes nas obras de ficção científica dos autores George Orwell, Aldous Huxley e Neil Postman.
- b) na visão Orwell, a própria população se encarregaria de se autodestruir por sua capacidade de pensar e de ler.
- c) nas obras de Orwell e Huxley, havia o temor à proibição dos livros, mesmo não havendo quem os desejasse ler.
- d) tanto Orwell quanto Huxley temiam pela manipulação da informação: o primeiro, pela falta e o segundo, pelo excesso.

12. Assinale a alternativa que apresenta o principal objetivo comunicativo do emissor do texto.

- a) Apresentar o livro de Aldous Huxley a fim de incentivar os leitores contemporâneos a realizarem sua leitura.
- b) Comparar dois livros que fazem referência à alienação provocada pelas mídias.
- c) Alertar para os efeitos negativos das redes sociais que embotam a capacidade de pensar dos indivíduos.
- d) Analisar os mecanismos de dominação coletiva no contexto histórico do stalinismo.

13. Do ponto de vista da composição, só NÃO é correto afirmar que o texto se vale de

- a) apresentação de ideias contrárias que vão conduzindo a argumentação.
- b) descrição de uma realidade imaginária que dá ensejo à discussão.
- c) exemplos que esclarecem conceitos menos acessíveis ao leitor.
- d) citações que conferem autenticidade aos argumentos.

(Santa Casa 2020)

Em uma urna funerária romana exposta no Palazzo Massimo em Roma, está gravada em baixo-relevo a cena de uma batalha entre os soldados romanos e um exército de bárbaros. Os primeiros ocupam a parte de cima da urna e estão vestidos com uniformes elegantes, espadas e instrumentos de guerra.

Na parte de baixo estão os bárbaros, com olhos esgazeados e postura desorganizada. Em uma das cenas, um soldado segura a mão já desarmada de um inimigo e levanta seu rosto como a procurar o segredo de um povo inferior, que, ainda assim, havia tentado desafiar os conquistadores. Essa cena, longe de representar algo especial na cultura romana do século III, fazia parte de uma representação corrente do mundo e da posição ocupada pelos romanos. Ela integrava a ação de busca pela identidade de um império que ambicionava por uma posição que fosse eterna. Para isso, era preciso olhar profundamente os olhos do inimigo, para talvez descobrir a própria essência do ser romano e daquilo que o negava e ameaçava sua existência. De alguma maneira, continuamos a olhar dentro dos olhos do diferente para afirmarmos nossa identidade e expurgarmos nossos medos. Da Antiguidade até hoje foram muitos os momentos em que precisamos nomear os bárbaros, para podermos encontrar nosso próprio nome.

(Adauto Novaes (org.). *Mutações: entre dois mundos*, 2017.)

14. Considerado o modo como se estrutura, o texto possui características de

- uma descrição subjetiva que incorpora elementos narrativos.
- uma descrição objetiva com finalidade documental.
- uma narrativa histórica com finalidade opinativa.
- uma dissertação expositiva com finalidade moralizante.
- uma dissertação argumentativa que incorpora elementos descritivos

(Medicina São Caetano 2019)

Leia o trecho do conto “Este quadro”, de Sérgio Sant’Anna.

Este quadro está guardado — pode-se dizer até que escondido — no subsolo do Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, e nunca houve uma ocasião em que tenha sido trazido aos andares superiores para alguma exposição. Na verdade, apenas um funcionário, de tempos em tempos, vê a pintura, pois é ele quem se incumba dos cuidados para a conservação desta obra e de outras esquecidas.

Este quadro é uma tela de noventa por setenta centímetros, pintado no último quarto do século XVIII, é o que se deduz pelos materiais e técnicas utilizados. Nele é retratada, frontalmente, uma jovem negra nua, a não ser pela veste branca que sustém com a mão direita, o que não impede a visão de seu sexo e de seu seio esquerdo, mas parecendo, pelo segurar da veste, que ela hesita em deixar-se ver por um contemplador que figura no quadro. Esse contemplador, que olha para a moça e dá as costas para quem olha para o quadro, vê-se, por uma batina e pelo círculo cortado em seu cabelo, que é um padre ou seminarista, branco e jovem. O local em que se encontram é o interior de um casebre de pau a pique, com o chão de terra batida, e o aposento é mobiliado apenas com um catre, um banco e uma mesa tosca, sobre a qual há uma moringa e um caneco. E pela janela aberta vê-se um matagal.

No quadro, não há assinatura nem data, mas é de supor que represente os tempos da escravatura ou próximos a esses.

(O homem-mulher, 2014.)

15. O texto é, predominantemente,

- narrativo.
- biógráfico.
- dissertativo.
- descritivo.
- jornalístico.

(Vunesp - Famerp 2016)

Desde o início da história europeia, criamos o hábito de distinguir entre poder temporal e poder espiritual. Quando cada um deles dispõe da autonomia em seu domínio e se vê protegido contra as intrusões do outro, fala-se de uma sociedade laica ou, como se diz também, secular.

Poderíamos crer que, na parte do mundo marcada pela tradição cristã, essa relação em torno da questão da autonomia já estaria prontamente organizada, pois o Cristo anunciou que seu reino não era deste mundo, que a submissão a Deus não interferia em nada na submissão a César. No entanto, a partir do momento em que o imperador Constantino impôs o cristianismo

como religião de Estado, no século IV, a tentação de apoderar-se de todos os poderes de uma vez revelou-se. É fácil entender a razão desse movimento. Dir-se-á que a ordem temporal reina sobre os corpos, a ordem espiritual sobre as almas. Mas alma e corpo não são entidades simplesmente justapostas, no interior de cada ser eles formam inevitavelmente uma hierarquia. Para a religião cristã, a alma deve comandar o corpo; por isso cabe às instituições religiosas, isto é, à Igreja, não somente dominar diretamente as almas, mas também, indiretamente, controlar os corpos e, portanto, a ordem temporal. Por sua vez, o poder temporal procurará defender suas prerrogativas e exigirá a manutenção do controle sobre todos os negócios terrestres, inclusive sobre uma instituição como a Igreja. Para proteger sua autonomia, cada um dos dois adversários fica então tentado a invadir o território do outro.

O espírito das Luzes, 2006

16. Considerando o modo como as ideias estão organizadas, é correto afirmar que o texto

- defende a ideia de que a verdade sobre os fatos é uma só e independe das opiniões e dos pontos de vista.
- descreve uma polêmica com duas soluções possíveis, justapondo argumentos em favor de uma e contra a outra solução.
- argumenta sobre como dois pontos de vista opostos podem ser conciliados se os defensores das opiniões divergentes entrarem em diálogo.
- expõe uma questão polêmica e elenca elementos para mapear as divergências entre diferentes pontos de vista.
- narra a saga das religiões cristãs, do tempo de Cristo até os tempos de hoje

(Uerj 2017)

Nós, escravocratas

Há exatos cem anos, saía da vida para a história um dos maiores brasileiros de todos os tempos: o pernambucano Joaquim Nabuco. ¹Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.

Apesar da vitória conquistada, Joaquim Nabuco reconhecia: “Acabar com a escravidão não basta. É preciso acabar com a obra da escravidão”, como lembrou na semana passada Marcos Vinícios Vilaça, em solenidade na Academia Brasileira de Letras. Mas a obra da escravidão continua viva, sob a forma da exclusão social: pobres, especialmente negros, sem terra, sem emprego, sem casa, sem água, sem esgoto, muitos ainda sem comida; sobretudo sem acesso à educação de qualidade.

Cem anos depois da morte de Joaquim Nabuco, a obra da escravidão se mantém e continuamos escravocratas.

³Somos escravocratas ao deixarmos que a escola seja tão diferenciada, conforme a renda da família de uma criança, quanto eram diferenciadas as vidas na Casa Grande ou na Senzala. Somos escravocratas porque, até hoje, não fizemos a distribuição do conhecimento: instrumento decisivo para a liberdade nos dias atuais. Somos escravocratas porque todos nós, que estudamos, escrevemos, lemos e obtemos empregos graças aos diplomas, beneficiamo-nos da exclusão dos que não estudaram. Como antes, os brasileiros livres se beneficiavam do trabalho dos escravos.

Somos escravocratas ao jogarmos, sobre os analfabetos, a culpa por não saberem ler, em vez de assumirmos nossa própria culpa pelas decisões tomadas ao longo de décadas. Privilegiamos investimentos econômicos no lugar de escolas e professores. Somos escravocratas, porque construímos universidades para nossos filhos, mas negamos a mesma chance aos jovens que foram deserdados do Ensino Médio completo com qualidade. Somos escravocratas de um novo tipo: a negação da educação é parte da obra deixada pelos séculos de escravidão.

A exclusão da educação substituiu o sequestro na África, o transporte até o Brasil, a prisão e o trabalho forçado. Somos escravocratas que não pagamos para ter escravos: nossa escravidão ficou mais barata, e o dinheiro para comprar os escravos pode ser usado em benefício dos novos escravocratas. Como na escravidão, o trabalho braçal fica reservado para os novos escravos: os sem educação.

Negamo-nos a eliminar a obra da escravidão.

Somos escravocratas porque ainda achamos naturais as novas formas de escravidão; e nossos intelectuais e economistas comemoram minúscula distribuição de renda, como antes os senhores se vangloriavam da melhoria na alimentação de seus escravos, nos anos de alta no preço do açúcar. Continuamos escravocratas, comemorando gestos parciais. ⁴Antes, com a proibição do tráfico, a lei do ventre livre, a alforria dos sexagenários. Agora, com o bolsa família, o voto do analfabeto ou a aposentadoria rural. Medidas generosas, para inglês ver e sem a ousadia da abolição plena.

Somos escravocratas porque, como no século XIX, não percebemos a estupidéz de não abolirmos a escravidão. ⁵Ficamos na mesquinhez dos nossos interesses imediatos negando fazer a revolução educacional que poderia completar a quase-abolição de 1888. Não ousamos romper as amarras que envergonham e impedem nosso salto para uma sociedade civilizada, como, por 350 anos, a escravidão nos envergonhava e amarrava nosso avanço.

Cem anos depois da morte de Joaquim Nabuco, a obra criada pela escravidão continua, porque continuamos escravocratas. E, ao continuarmos escravocratas, não libertamos os escravos condenados à falta de educação.

Cristovam Buarque.

17. A expressão “*somos escravocratas*” é repetida quatro vezes no texto que, embora assinado pelo autor Cristovam Buarque, é todo enunciado na primeira pessoa do plural. O uso dessa primeira pessoa do plural, relacionado à escravidão, reforça principalmente o objetivo de:

- a) situar a desigualdade social
- b) apontar o aumento da exclusão social
- c) responsabilizar a sociedade brasileira
- d) demonstrar a importância da educação

18. No desenvolvimento da argumentação, o autor enumera razões específicas, facilmente constatadas no cotidiano, para sustentar sua opinião, anunciada no título, de que todos nós seríamos ainda escravocratas.

Esse método argumentativo, que apresenta elementos específicos da experiência social cotidiana, para deles extrair uma conclusão geral, é conhecido como:

- a) direto
- b) lógico
- c) dedutivo
- d) indutivo

19. *Somos escravocratas ao deixarmos que a escola seja tão diferenciada*, (ref. 3)

A forma sublinhada introduz uma relação de tempo. A ela, entretanto, se associa outra relação de sentido.

Essa outra relação de sentido presente na frase acima é de:

- a) causa
- b) contraste
- c) conclusão
- d) comparação

Anotações

Gabarito

1.D 2.C 3.E 4.D 5.E 6.C 7.A

8:

Ao afirmar que a floresta invadiu suas terras, a intenção da personagem da charge é defender a expansão do agronegócio mesmo às custas da destruição da natureza. A personagem coloca-se como vítima e a floresta, como destruidora. Trata-se de uma inversão do que, de fato, acontece. Nesse sentido, o argumento da personagem se revela ilógico porque subverte as noções de causa e efeito. Além disso, tal visão deve ser considerada antiética, pois a personagem está utilizando um cargo público, por se tratar de membro da banca ruralista do congresso, em favor de um interesse próprio.

9.E 10.B 11.D 12.C 13.C 14.E 15.D
16.D 17.C 18.D 19.A